



O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS DOCENTES DE UMA IFES: UM CONTRIBUTO À ÁREA DE GESTÃO DE PESSOAS

LUCIANA FLORENTINO NOVO
ROGÉRIO DA SILVA ALMEIDA
RODRIGO SERPA PINTO
JULIANA DOS SANTOS DA SILVA
LUCIARA DA CRUZ CANTOS
MARTA GABRIELA DE FARIAS MORAES

Resumo

Conhecer os significados do trabalho para os diferentes grupos funcionais, constitui-se, ainda na atualidade, em verdadeiro desafio aos gestores, principalmente em momentos que ocorrem mudanças no contexto do trabalho. Esta é a situação vivenciada pelos docentes de instituições públicas federais, mediante as políticas que vem sendo implementadas no sentido de promoção do acesso ao ensino superior. Diante deste cenário, este estudo inicial busca analisar o significado que os docentes de uma IFES atribuem aos seus trabalhos, já que tais modificações apresentam potencial de impactar significativamente em suas atividades. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, caracterizada como um estudo de caso. Para coleta de dados utilizou-se entrevistas semi-estruturadas aplicadas a docentes que atuam junto à instituição pesquisada. Pode-se verificar que o trabalho apresenta forte relação com a identidade dos mesmos, sendo fonte geradora de orgulho e status. Percebeu-se, também, a forte associação atribuída entre trabalho e vida. Espera-se, assim, subsidiar o desenvolvimento de novas políticas voltadas à gestão de pessoas, já que o sentido atribuído ao trabalho é capaz de afetar as crenças sobre o que é legítimo e o que se pode tolerar do trabalho (MOW, 1987).

Palavras-chave: significado do trabalho, trabalho docente, centralidade do trabalho.

“O homem se humilha, se castram seus sonhos. Seu sonho é sua vida e vida é trabalho. E sem o trabalho, o homem não honra. E. sem sua honra, se morre [...]” (Gonzaguinha, regravada por Gabriel, o Pensador, Não dá para ser Feliz)

Introdução

Os estudos acerca do trabalho e seus significados constam na pauta de pesquisadores ligados a diferentes vertentes epistemológicas, destacando-se a atuação da equipe de investigação *Meaning of Work International Research Team - MOW* (1987), na busca de definir e identificar variáveis que expliquem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho. Não restam dúvidas de que o trabalho apresenta significados que vão muito além da mera subsistência. Trata-se de um meio de relacionar-se, de sentir-se parte integrante de um grupo (MORIN, 2001). A própria identidade dos indivíduos tende a confundir-se com o trabalho. Vida e trabalho encontram-se indissociados, pois ao mesmo tempo em que os sujeitos produzem seus trabalhos, acabam sendo produzidos pelo trabalho.

Assim, conhecer os significados do trabalho para os diversos grupos funcionais, e o impacto de tais percepções sobre os trabalhadores e nas relações que os mesmos estabelecem com as organizações com as quais se encontram ligados profissionalmente, continua sendo, ainda nos dias atuais, um desafio para administradores e profissionais de recursos humanos, e ao mesmo tempo uma questão crucial, principalmente para a condução de novas práticas de administração de pessoas, já que o sentido do trabalho influencia as formas de atividade laboral, a flexibilidade e a produtividade dos trabalhadores, pois afeta as crenças sobre o que é legítimo e o que se pode tolerar do trabalho (MOW, 1987).

As instituições de Ensino Superior, quer públicas, quer privadas, vêm enfrentando momentos de verdadeira transformação, em boa parte derivadas das políticas públicas voltadas à promoção do acesso ao ensino superior a um número cada vez maior de pessoas. Verifica-se, por exemplo, por parte das instituições públicas, a adesão a projetos como o Reuni e o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Esse panorama tende a provocar transformações não somente na sociedade e nas instituições de ensino, mas notadamente e de modo significativo na vida dos docentes inseridos neste contexto. Assim, tendo em vista a centralidade que o trabalho é capaz de ocupar na vida dos sujeitos, este estudo inicial procura compreender o significado que esses docentes, envoltos a um momento histórico específico (democratização no acesso ao ensino superior), atribuem ao trabalho que exercem.

Diante deste cenário, este estudo inicial busca analisar o significado que os docentes de uma IFES atribuem aos seus trabalhos, já que tais modificações apresentam potencial de

impactar significativamente em suas atividades. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, caracterizada como um estudo de caso. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a uma amostra aleatória não-probabilística de docentes que atuam junto à instituição pesquisada.

O Mundo do Trabalho

Esforço empreendido na consecução de um fim, o trabalho é uma atividade tão antiga quanto o próprio homem. Segundo Oliveira *apud* Krawulski (1998) os primeiros vestígios do que hoje é definido como trabalho já existia na época denominada como pré-história, em formas primitivas de economia, as quais sofreram alterações profundas ao longo da história da humanidade.

O trabalho mediante o conjunto de acontecimentos que se convencionou chamar de Revolução Industrial sofreu alterações quanto ao seu conceito, natureza e principalmente quanto às formas de organização. A partir desse momento, ocorreram significativas transformações, culminando com o trabalho, nos dias atuais, configurado como atividade desenvolvida predominantemente de forma institucionalizada, mediante pagamento de salários e voltada à produtividade e obtenção de lucros, sob os auspícios da economia de mercado (KRAWULSKI, 1998).

O mundo do trabalho é tema que move estudos e pesquisas, ligadas a diferentes perspectivas e vertentes epistemológicas. Interessa a psicólogos, antropólogos, médicos, sociólogos e administradores, entre tantas outras categorias profissionais.

Desde as últimas décadas do século passado muito se tem discutido acerca das mudanças na sociedade como um todo e, em especial, no contexto produtivo. Trata-se de transformações sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade. Tais transformações, ao produzirem um contexto marcado por características como transitoriedade, efemeridade, descontinuidade e caos, atingem algumas categorias teóricas chaves na área das ciências humanas e sociais, dentre as quais, o trabalho. (COUTINHO; KRAWULSKI, SOARES, 2007)

As mudanças no mundo do trabalho impactam em mudanças significativas na vida dos trabalhadores; sejam elas objetivas (novas tecnologias de produção e gestão), sejam subjetivas (mudanças psicológicas e sociológicas da relação homem-trabalho) engendram modificações no significado do trabalho no contexto atual (FLEIG, 2003).

Significado do Trabalho

O trabalho apresenta-se em uma variedade de ocupações, sendo objeto de diversificadas classificações. Costuma ser glorificado tanto por defensores tradicionais do capitalismo, como por marxistas, salvaguardando-se suas distintas convicções. E, mesmo quando utilizado em seu sentido econômico (trabalho remunerado) e restrito ao contexto das organizações formais continua representando um tema diversificado, ambíguo e complexo.

O verbo “trabalhar” apresenta em várias línguas da cultura europeia mais de um significado. Por exemplo, o latim distingue *laborare* como ação do labor e *operare* o verbo que corresponde à obra; *travailler* e *ouvrer*, da mesma forma em francês; o inglês *labour* e o alemão *arbeit* relacionam-se a esforço, cansaço, em contraposição a *work* e *werk*, palavras inglesa e alemã, respectivamente relacionadas à ativa criação da obra (CODA; FONSECA, 2004).

Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra (trabalho) – ambas as significações: a de realizar uma obra que dê reconhecimento social, e a de esforço repetitivo e sem liberdade, de resultado consumível e esforço inevitável. De uma

maneira ampla, o trabalho pode ser compreendido como todo esforço humano, que intervém em seu ambiente com determinada finalidade (ZANELLI; SILVA, 1996).

Envolto às ambigüidades que permeiam o termo, estudos e pesquisas referentes aos “significados e sentidos do trabalho” têm-se desenvolvido, de modo destacado a partir da segunda metade da década de 80, envolvendo estudiosos com base em diversas vertentes epistemológicas. Trata-se de um tema que desperta a atenção e o interesse de psicólogos, sociólogos, administradores e profissionais da comunicação social.

A importância conferida à temática deve-se em boa parte à centralidade que o trabalho é capaz de exercer na vida humana, conforme propõe Zanelli e Silva (1996, p. 18).

“O trabalho ocupa um inegável espaço na existência humana. Coloca-se entre as atividades mais importantes e, de qualquer maneira, constitui-se na principal fonte de significados na constituição da vida de todos”.

Ainda que na atualidade existam correntes que defendem a perda da centralidade no trabalho, neste estudo, compartilha-se da concepção de autores como Antunes (2002,), Harvey (2000) e Lessa (1997) que reafirmam o papel dessa categoria como fundante do ser humano e de suas formas de sociabilidade.

O trabalho constituiu-se para o homem como um verdadeiro sentido de vida, sendo que, em geral os sujeitos passam a maior parte de seu tempo trabalhando, assim, “é rico de sentido individual e social. É o meio de produção da vida de cada um, criando sentidos existenciais e contribuindo na estruturação da personalidade e da identidade”. (BORGES; TAMAYO, 2001, p. 13).

Para Engels (1984, p. 9), o trabalho é mais do que o ato de transformar a matéria-prima em riqueza - “é o fundamento da vida humana”, mencionando que “sob determinado aspecto, o trabalho criou o próprio homem”. Lukács *apud* Lima (2003, p.16), toma o trabalho como “o ponto de partida para a humanização do homem [...] o trabalho como um fim em si — e não como mero meio de subsistência — tem por finalidade a auto-construção humana”. Para o autor, não existe homem sem trabalho. É a categoria trabalho que faz a intermediação entre homem e humanidade.

Codo et al. (1995) destacam, que não apenas o modo como o trabalho é executado (a atividade), mas também o que resulta deste trabalho (o produto) são importantes na construção da identidade humana e ambos os fatores dizem respeito à questão do seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio. Segundo os autores,

“nossa construção como indivíduos e como elementos sociais, através do trabalho, mostra-se particularmente clara na moderna sociedade industrial e liberal. Ser médico, secretária, professor, comerciante, motorista de ônibus ou bancário faz parte indissolúvel de nossa identidade social (...)”(p. 317).

Além de constituir-se em fonte de sustento, o trabalho é um meio de se relacionar com os outros, de se sentir como parte integrante de um grupo ou da sociedade, de ter uma ocupação, de ter um objetivo a ser atingido na vida (MORIN, 2001), constituindo-se para boa parte dos trabalhadores como o único elo social fora do convívio familiar. (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2004)

O trabalho passa, a ser uma maneira de estar incluído e locado na sociedade. Wickert (1999, p. 68) ressalta essa questão:

“Sim, o trabalho passa a ser a via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem o reconhecimento de sua existência, caso produza. Entretanto, quando já não é mais produtivo a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o aluguel social”.

Pesquisas realizadas pela equipe de investigação *Meaning of Work International Research Team* - MOW (1987) e por Morin (2001), indicam que as pessoas, em sua grande maioria, mesmo que tivessem condições de viver o resto da vida confortavelmente, ainda assim, continuariam a trabalhar.

Tais constatações levam a propor que o trabalho apresenta um rico sentido individual e social, constituindo-se num meio de produção da vida de cada um, ao prover subsistência, criar sentidos existenciais ou contribuir na estruturação da identidade e da subjetividade (TOLFO; PICCININI, 2007). Têm-se assim, que o trabalho não é alheio aos sujeitos que o produzem, pois os próprios sujeitos acabam sendo produzidos pelos seus trabalhos. É o que sugere Fonseca (2003, p. 1) quando expressa que:

Os modos de trabalhar não são inócuos e estão longe de dizerem respeito tão somente à sua finalidade-fim. Não são exteriores aos sujeitos que os produzem; eles incidem, se refletem sobre eles tornando-os suas imagens refletidas. São, pois, produtores de sujeitos, e é desta maneira que vida e trabalho se encontram indissociados, levando-nos a problematizar a ordem organizacional como uma espécie de usina de produção de sujeitos (...).

Mesmo diante das consideráveis mudanças nas relações de trabalho, um número expressivo de trabalhadores ainda demonstra encontrar no trabalho uma fonte de orgulho e identificação (MORIN, TONELLI, PLIOPAS, 2007).

Quanto a esse aspecto, Morin (2002) menciona que o processo de trabalho e seus resultados ajudam o indivíduo a formar sua identidade. Tais considerações puderam ser evidenciadas em uma pesquisa realizada pelo autor com alunos de um curso de especialização em administração da cidade de São Paulo, os quais expressaram que além do trabalho em si, a própria organização onde trabalham era geradora de orgulho, status e reconhecimento social. Neste sentido, Grisci (2000) destaca que, além da importância social, o trabalho é representado na vida dos sujeitos como fonte de subjetivação.

Os estudos direcionados ao significado do trabalho começaram a ser conduzidos de modo mais expressivo, a partir da década de 80, merecendo destaque especial à atuação do grupo MOW, na busca de definir e identificar variáveis que expliquem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho, conduzindo pesquisas com amostras representativas de oito países. De acordo com a equipe, significado do trabalho trata-se de “um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo, ao seu redor ou no trabalho” (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 39).

Dos dados empíricos obtidos pelo grupo em suas vastas pesquisas estruturaram doze fatores, os quais, posteriormente foram agrupados em 03 dimensões principais, conforme segue.

a) Centralidade do Trabalho: refere-se ao grau de importância que o trabalho tem na vida do indivíduo num determinado momento. É formada por um construto complexo composto por um componente valorativo – a centralidade absoluta do trabalho – que mensura o valor atribuído a este dentro da vida dos sujeitos e identifica em que medida o trabalho é central para a auto-imagem. E a centralidade relativa do trabalho – influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, e que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na vida.

b) Normas Sociais sobre o Trabalho: remetem às normas derivadas de valores morais relacionados com o trabalho, que atuam como antecedentes dos princípios e condutas sociais associados às crenças sobre as obrigações e os direitos do trabalhador. Tais normas funcionam como padrões sociais que balizam as avaliações individuais acerca das recompensas obtidas pelo trabalho e consistem numa expressão geral (percepção) do que seriam trocas equitativas entre o que o indivíduo recebe da situação de trabalho e as contribuições que ele traz para o processo de trabalho. Nos estudos do grupo MOW, estas normas foram observadas em conjuntos antagônicos: deveres (constituem os padrões sociais sobre o trabalho considerados corretos pelos indivíduos na sua relação com a sociedade. Um exemplo é que todo indivíduo tem o dever de contribuir para o bem social pelo seu trabalho) e direitos (referem-se às

obrigações da sociedade para com o indivíduo, como por exemplo, todo indivíduo ter direito a um trabalho interessante e significativo) (TOLFO; PICCININI, 2007).

c) Resultados valorizados do trabalho: são os valores relacionados com as finalidades que as atividades representam para a pessoa, respondendo à indagação acerca dos motivos que a levam a trabalhar. É composta de variáveis que se referem a valores distintos do trabalho e motivações do construto do significado do trabalho. Esta variável abrange o conjunto de produtos básicos que os indivíduos buscam no trabalho, as funções que cumpre para eles e as necessidades que lhes permitem satisfazer (obter prestígio e retorno financeiro, manter-se em atividade, permitir-lhes contato social e estabelecimento de relações interpessoais; fazê-los sentirem-se úteis para a sociedade; permitir sua auto-realização). Os valores do trabalho apresentam diferenças e similaridades transculturais relacionadas com a importância atribuída às facetas do trabalho.

Partindo deste construto, o sentido do trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida, que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade num determinado momento histórico. Por sua atribuição psicológica e social, varia, na medida em que deriva do processo de atribuir significados e se apresenta associado às condições históricas da sociedade. Trata-se, portanto, de um construto sempre inacabado (TOLFO; PICCININI, 2007).

Destaque-se que freqüentemente os conceitos de “significado do trabalho” e “sentido do trabalho” são tratados como termos equivalentes em estudos e pesquisas acadêmicas, sendo utilizadas as mesmas variáveis para estudar-se tanto o significado como o sentido do trabalho. Etimologicamente, a palavra sentido origina-se do latim *sensus*, que remete à percepção, significado, sentimento, ou ao verbo sentire: perceber, sentir e saber (HARPER, 2001); admitindo-se, portanto a possibilidade de ser adotada como sinônimo de significado.

De fato, para alguns autores (MOW, 1987) não existem evidentes diferenças, entre os dois conceitos. Contudo, Tolfo e Piccinini (2007), sugerem que seguindo a idéia de Hackman e Oldhan (1975), Morin (1996) define o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada por três componentes: o significado, a orientação e a coerência. O significado refere-se às representações que o sujeito tem de sua atividade, assim como o valor que lhe atribui. A orientação é sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o que guia suas ações. E a coerência é a harmonia ou o equilíbrio que ele espera de sua relação com o trabalho. Ou seja, sob essa perspectiva, o significado do trabalho constitui-se como um dos componentes do sentido.

Sem deixar de considerar a pertinência da proposição de Tolfo e Piccinini (2007) quanto à distinção no uso dos termos (sentido e significado), para fins deste estudo específico, adota-se os conceitos de sentido e significado do trabalho, tal como proposto pelo Grupo MOW (1987), ou seja, como termos equivalentes.

Assim, entende-se como significado do trabalho a representação social que a tarefa executada tem para o trabalhador, seja individual (a identificação de seu trabalho no resultado da tarefa), para o grupo (o sentimento de pertença a uma classe unida pela execução de um mesmo trabalho), ou social (o sentimento de executar um trabalho que contribua para o todo, para a sociedade).

Breve panorama do ensino superior no país

As universidades no Brasil surgiram somente no século XX pela ação do Estado. Até 1968, início da grande Reforma Universitária que implantou o sistema atualmente vigente, impulsionado pelo regime militar, o sistema universitário brasileiro estava dividido entre universidades públicas financiadas pelo Estado (aproximadamente 31 universidades) e universidades privadas de caráter confessional.

Na década de quarenta foram criadas as primeiras universidades privadas, por meio de organizações religiosas católicas (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul). Tais instituições criaram cursos, principalmente nas áreas sociais e humanas.

A lei 4024/61, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, introduziu modificações no ensino superior, dentre as quais:

“o aumento do controle e poder normativo do Conselho Federal de Educação, a possibilidade de o ensino superior ser ministrado tanto em universidades quanto em escolas isoladas, a composição das universidades, a manutenção do sistema de cátedra e a garantia de representação estudantil nos órgãos colegiados”. (LAMPERT, 1999, p.37).

Tendo em vista a consideração de que o investimento em educação constitui um dos fatores primordiais para o desenvolvimento social e econômico de um país, tornou-se necessário e essencial um aumento no número de instituições brasileiras que pudessem propiciar a disseminação do conhecimento, de maneira a romper as barreiras do analfabetismo e da cultura incipiente. Por outro lado, apesar de ser a educação uma função do Estado, este não apresenta condições de oferecer vagas suficientes para aqueles que desejavam e precisavam galgar níveis mais complexos no campo da educação. É a partir daí, que ficou justificada a existência das instituições de ensino privadas, que de um lado, dão abertura e condições para que a educação possa ser desenvolvida, e, por outro, aparece como organizações que, como qualquer outra, estão sujeitas as forças do mercado, principalmente em relação à concorrência e a competitividade. Calderón (domo) afirma que:

O sistema universitário brasileiro começou a vivenciar a partir do início da década de 90 uma grande revolução no que diz respeito às opções para os cidadãos clientes-consumidores no campo acadêmico-universitário. O cenário das universidades, até então dominado pelas universidades públicas e pelas de cunho confessional, viu-se significativamente alterado com a entrada de um novo ator: as universidades particulares com explícitos fins lucrativos, geridos enquanto empresas educacionais, oferecendo produtos e serviços de acordo com a demanda do mercado, instituições estas que denominaremos universidades mercantis.

E, atualmente o cenário em que as instituições de ensino superior encontram-se inseridas, quer se trate de instituições públicas, quer se trate de instituições privadas, vêm sofrendo, novamente, transformações profundas, que acarretam mudanças nos seus arquétipos fundamentais e, conseqüentemente, na vida de todos os atores com elas envolvidos.

Nas instituições públicas isto tem se manifestado em uma transformação na estrutura organizacional e pela inclusão de um número cada vez maior alunos, provenientes de programas como, por exemplo, o Reuni e o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Assuntos estes, que tem gerado uma profusão de posicionamentos e posições, alguns contra e outras a favor.

Entretanto, isto leva a algumas perguntas ligadas a mudanças que podem vir a ocorrer na relação que os docentes mantêm com seus trabalhos e instituições; assim como o que o trabalho acaba por representar na vida dos sujeitos que a vivenciam, visto que o significado do trabalho altera-se no decorrer do tempo e mediante modificações no contexto organizacional.

Gestão de Pessoas

As políticas de Recursos Humanos utilizadas em uma organização são de fundamental importância para o alcance dos objetivos que se pretende alcançar, quer trate-se de uma instituição privada, quer trate-se de uma instituição pública.

Antigamente, os papéis institucionais da área de RH restringiam-se aos aspectos legais e burocráticos; na proporção que os procedimentos administrativos começaram a ser adotados para tomada de decisões a respeito dos empregados, a área começou a ser reconhecida dentro das organizações. Assim, ao longo do tempo, buscaram transcender a esfera burocrática, focando seus esforços em novas formas de gestão de mão-de-obra, mais adequadas ao efetivo envolvimento dos trabalhadores com os objetivos organizacionais. (COELHO; DELLAGNELO, 2003).

Segundo Fischer (2002), o modelo de gestão de pessoas é a maneira como uma organização se organiza para gerenciar e orientar o comportamento humano no ambiente de trabalho, o qual relaciona-se intimamente com diversos fatores, internos e externos à organização, como a tecnologia adotada e a estratégia de organização do trabalho, a cultura e a estrutura organizacional, as relações de trabalho e o contexto competitivo. O comportamento esperado das pessoas no trabalho e o modelo de gestão de pessoas correspondente, portanto, são influenciados tanto pelas características da organização quanto pelo ambiente no qual a mesma opera (*apud* VASCONCELLOS; MASCARENHAS, 2003).

Nesta direção tem-se que o sentido do trabalho, por sua atribuição psicológica e social, varia, na medida em que deriva do processo de atribuir significados e se apresenta associado às condições históricas da sociedade (TOLFO; PICCININI, 2007).

Assim, baseando-se no caráter dinâmico do significado do trabalho, justifica-se a necessidade de desenvolver estudos neste campo, em especial naquelas circunstâncias em que a organização do trabalho venha sofrendo profundas modificações, pois alterações no contexto laboral acabam por repercutir na vida dos colaboradores, sendo fonte geradora de novos significados.

Porto et al. (2006) menciona que o desvelar dos valores relativos ao trabalho é capaz de possibilitar aos gestores a identificação de metas importantes dos seus funcionários, que podem subsidiar o desenvolvimento de estratégias organizacionais que auxiliem na promoção do bem-estar dos indivíduos, bem como, na melhoria dos resultados organizacionais por meio de funcionários mais motivados ao trabalho (PORTO et al., 2006).

O significado subjetivo do trabalho pode ser conceituado como uma estrutura cognitiva, um *schema* que tem forte impacto sobre as percepções, avaliações, atribuições e sobre o próprio comportamento do indivíduo no trabalho (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995). Assim o tema caracteriza-se como apresentando relevância considerável à gestão de pessoas, pois ao compreender-se o que o trabalho significa na vida dos sujeitos pode-se compreender suas percepções e motivações, de acordo com as quais deverá embasar-se o desenvolvimento de novas políticas e práticas de gestão de pessoas.

Metodologia

Este estudo inicial busca analisar o significado que os docentes de uma IFES atribuem aos seus trabalhos, já que tais modificações apresentam potencial de impactar significativamente em suas percepções e comportamentos no contexto laboral. Assim, essa pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Trata-se de um estudo de um estudo de caso, pois procura-se analisar o significado do trabalho para os docentes ligados ao curso de administração de uma IFES.

Quanto à abordagem metodológica, trata-se de uma pesquisa descritiva-qualitativa, pois procura descrever o fenômeno estudado sem interferir ou manipular a realidade. Além disso, pressupõe a observação de múltiplos aspectos de uma dada realidade, como os elementos subjetivos ligados às percepções e à dinâmica das interações de indivíduos e grupos, por meio de seus significados para as pessoas (TRIVIÑOS, 1987).

Adotou-se como embasamento teórico, o modelo desenvolvido pelo grupo MOW (1987), o qual trata do significado do trabalho considerando três dimensões: centralidade do trabalho, normas sociais do trabalho e resultados valorizados do trabalho.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, aplicadas a uma de quatro docentes efetivos do curso de administração (amostra aleatória não probabilística) ligados à Instituição. As entrevistas foram gravadas e transcritas, facilitando-se assim, a realização da técnica de análise de conteúdo no tratamento dos dados coletados. Segundo Bardin (1979), a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Resultados

Conforme expresso pelos docentes o trabalho ocupa um significativo espaço em suas vidas, constituindo-se em uma espécie de extensão dos indivíduos. Ou seja, o trabalho os acompanha no decorrer das vinte e quatro horas do dia, constituindo o próprio ser dos docentes. Expressões como a que segue demonstram a idéia de centralidade apresentada pelo trabalho, remetendo à proposição de Lukács *apud* Lima (2003) de que não existe homem sem o trabalho.

“O trabalho para mim é quase tudo, em suma é a razão do meu viver, eu vivo muito mais para o trabalho do que para o lazer ou até mesmo para a família. Eu trabalho o tempo todo, desde que amanhece eu já sento no meu computador e mesmo a noite, às vezes, me pego pensando em trabalho... o trabalho é fundamental, eu não sei viver sem trabalhar [...]” (E3, 2010).

Pode-se evidenciar nas falas que o significado atribuído ao trabalho vai muito além do mero retorno financeiro. Emerge no decorrer da fala questões bem mais preponderantes em suas vidas, e que é por meio do trabalho que as encontram: auto-realização, inserção e reconhecimento social, prestígio, status, ser útil. Resultados semelhantes foram identificados em pesquisas conduzidas pelo grupo MOW (1987) e por Morin (2001), as quais indicaram que as pessoas, em sua grande maioria, mesmo que tivessem condições de viver o resto da vida confortavelmente, continuariam a trabalhar. Tal questão pode ser identificada no discurso proferido pelos entrevistados que seguem: “[...] como eu tenho uma vida relativamente estável, eu poderia hoje me dar ao luxo de trabalhar bem menos, no entanto, eu sinto necessidade de trabalhar, já não mais pelo dinheiro”. (E3), “parar de trabalhar? acho que me sentiria o próprio inútil” (E4) e “já completei o tempo para a aposentadoria, mas não penso em parar. Sei que ainda posso fazer muito. Não quero ficar em casa vendo a vida passar. Aqui me sinto produzindo [...]” (E1)

Após tais explicações, pode-se verificar concretamente o quanto as suas vidas encontram-se atreladas ao trabalho e a profissão que exercem, assim como o quanto suas identidades confundem-se com o trabalho, pois mesmo não prescindido do trabalho para sobreviver ou até mesmo podendo estar gozando o período de aposentadoria, ainda assim entendem que estar trabalhando é fundamental para que se sintam verdadeiramente vivos.

Além disso, não haveria exageros em ponderar que o tempo de experiência e atuação junto à instituição supracitada, interferem na maneira como os entrevistados atribuem significado às atividades que desempenham. Sendo que, quanto maior o tempo em que se encontram inseridas na referida instituição pública, maior tende a ser a valorização atribuída à mesma, chegando ao ponto de ser considerada como fonte de status, conforme relatos a

seguir: “sinto-me muito orgulhosa de fazer parte dessa elite, por trabalhar em uma universidade federal, acho honroso [...]” (E1). [...] a gente é referência (E3). Pode-se desse modo, observar que o trabalho apresenta um caráter subjetivo, desempenhando papel decisivo como unidade produtora e estruturadora da identidade social.

Tal orgulho e status encontra-se intimamente relacionado “ser docente”, à profissão escolhida, que embora relativamente desvalorizada na atualidade remete a uma idéia de desenvolvimento intelectual, saber elevado, superioridade, o que promove o reconhecimento do indivíduo perante a sociedade. É o que é expresso na fala que segue: “Ser professor para mim é uma realização é uma coisa que eu sempre quis, desde criança [...]” (E1)

Quanto ao resultado de seus trabalhos, pode-se identificar que os mesmos visualizam de modo claro a contribuição do esforço empreendido na situação laboral. Pode-se visualizar o produto gerado. Neste sentido, a profissão docente acaba por apresentar um determinado privilégio, ao passo que permite ao trabalhador planejar, executar e contemplar os resultados de seu trabalho. Desse modo, o significado atribuído ao trabalho tende a ser ainda maior.

Outro importante aspecto mencionado é o fato de sentirem-se recompensados e gratificados quando presenciam seus alunos e ex alunos ocupando espaços importantes no mercado de trabalho ou obtendo aprovação em cursos de pós-graduação de instituições renomadas: “me recompensa ver o nome de dois, quatro alunos, meus, incluídos em uma lista de seleção para um curso de referência ou aprovados em um concurso” (E3) e “é gratificante quando vemos um aluno ocupando cargos importantes nas empresas” (E2).

Neste sentido Codo et al. (1995) destacam, que não apenas o modo como o trabalho é executado (a atividade), mas também o que resulta deste trabalho (o produto) são importantes na construção da identidade humana e ambos os fatores dizem respeito à questão do seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio.

Quanto à dimensão resultados obtidos por meio do trabalho, destacam-se a recompensa social, o status e prestígio de atuar junto a uma instituição federal. Dentre os aspectos mencionados como motivadores ao trabalharem mencionam de modo destacado que o trabalho que exercem contribui para a construção de um mundo melhor. “sou um professor que contribuição na formação do jovem” (E4), “tenho o dever de transformar, lutar por uma organização melhor, mais justa, mais inclusiva [...] para que ela chegue ao patamar que merece estar”(E3) e tenho “muita vontade de fazer do curso de administração um dos melhores cursos, não só daqui, mas da região, do Estado [...]” (E2)

Desse modo, pode-se depreender que a significação do trabalho na vida dos docentes pesquisados extrapola em muito o âmbito individual, abrangendo aspectos sociais importantes, incluindo-se o compromisso com o desenvolvimento da universidade onde atuam, pretendendo dar melhor visibilidade ao curso que “criaram”. Ao comentarem a respeito do início do curso de administração revelam com muito orgulho as dificuldades enfrentadas e como foram vencidas, passo a passo cada um dos obstáculos vivenciados, questão que costuma ser repassada aos novos docentes que ingressam no seu quadro.

Considerações finais

O trabalho ocupa um inegável espaço na vida dos indivíduos, colocando-se dentre as atividades mais importantes. Trata-se do regulador da vida social, pois relacionamentos, horários, atividades de lazer giram em torno do tempo que o ato de trabalhar permite.

Considerando a importância de se conhecer os significados que os colaboradores atribuem aos seus trabalhos para subsidiar o desenvolvimento de ações voltadas à gestão eficaz das pessoas, este artigo apresentou uma breve análise acerca do significado do trabalho para os docentes ligados ao curso de administração de uma IFES, localizada na região sul do país.

Conforme pode ser evidenciado pelos professores, o trabalho apresenta um significado muito profundo em suas vidas, chegando a ser considerado como “quase tudo [...] é a razão do meu viver, eu vivo muito mais para o trabalho do que para o lazer ou até mesmo para a família. (E3). Tal expressão confere a centralidade ocupada pelo trabalho na vida do docente, que acaba por reconhecer que realmente dedica a maior parte do seu tempo para trabalhar, mesmo que para isso seja necessário inclusive sacrificar os momentos de lazer e de dedicação à família; questão que Zanelli e Silva (1996) salientam de modo tão enfático em sua obra.

De tais relatos pode-se também depreender que vida e trabalho parecem entrecruzar-se de tal forma que fica difícil saber onde inicia um e acaba o outro: “Eu trabalho o tempo todo, desde que amanhece eu já sento no meu computador e mesmo a noite, às vezes, me pego pensando em trabalho... o trabalho é fundamental, eu não sei viver sem trabalhar [...]” (E3, 2010).

O “ser docente” também foi trazido à tona como aspecto fundamental na estruturação das suas identidades, pois os mesmos não conseguem imaginar suas vidas sem exercer a profissão, ainda que pudessem permitir-se ficar sem trabalhar por já ter cumprido o tempo necessário à aposentadoria.

Ademais, destaca-se que seus trabalhos permitem visualizar resultados concretos, dos quais se orgulham. Assim, o trabalho acaba por remeter a questões como orgulho, status, prestígio e reconhecimento social, questão que permite inferir que o trabalho realizado representa uma fonte repleta de significações.

Assim, espera-se, estar contribuindo com alguns subsídios capazes de embasar a adoção e desenvolvimento de novas políticas e propostas voltadas à gestão de pessoas na instituição, pois ao entender-se o que significa o trabalho na vida dos colaboradores, encontra-se a “chave” capaz de adentrar em diversos campos fundamentais para uma adequada gestão do fator humano: entra-se no mundo das crenças, percepções, do que é tido como legítimo e é capaz de suportar-se em nome do trabalho.

Ressalta-se que tal estudo consta como uma agenda inicial de uma ampla proposta de pesquisa visando mergulhar nos significados que o construto “trabalho” exerce na vida dos sujeitos.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BASTOS, Antônio V. B.; PINHO, Ana Paula M.; COSTA, Clériston A. Significado do Trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, São Paulo, v. 35, n.6, nov/dez

BORGES, L. O.; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 2001, 1 (2), 11- 44.

COUTINHO, Maria C.; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce H. P. Identidade e Trabalho na Contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Revista Psicologia & Sociedade**; 19, UFSC, 2007

CODA, Roberto; FONSECA, Glaucia Falcone. Em busca do significado do trabalho: Relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**. FECAP. Ano 6 nº 14 Abril/2004.

CODO, Wanderley et al. **A síndrome do trabalho vazio em bancários**. In: CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson C. (orgs.) Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1995

COELHO, Kellen da S.; DELLAGNELO, Eloise H. L. Gestão de Pessoas: Um Passo para o Potencial de Flexibilidade Estrutural? um estudo de caso. [CD-ROM]. ENANPAD, 27º, **Anais...** Atibaia/SP, 2003.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1984. p. 9.

FLEIG, Daniel G. Reestruturação Produtiva e Subjetividade: Uma Análise Interpretativa do Significado do Desemprego. [CD-ROM]. ENANPAD, 27º. **Anais...** Atibaia/SP, 2003.

GRISCI, Carmem. **Trabalho, tempo e subjetividade: a reestruturação do trabalho bancário**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

HACKMAN, J.,; OLDHAN, G. **Development of job diagnostic survey**. Journal of Applied Psychology, 1975, 60(2), 159-170.

HARPER, D. **Online Etymology Dictionary**, nov/2001. Retirado em 05 set. 2005, de <http://etymonline.com/?search=schala>

KRAWULSI, Edite. A orientação profissional e o significado do Trabalho. **Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais**, Florianópolis, v.2 n.1, p.5-19, 1998.

LACOMBE, Beatriz Maria Braga, TONELLI, Maria José. O discurso e a prática: o que nos dizem os especialistas e o que nos mostram as práticas das empresas sobre os modelos de gestão de Recursos Humanos. [CD-ROM]. ENANPAD, 24. **Anais...** Florianópolis, 2000.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A polêmica em torno do trabalho na sociedade contemporânea. **Revista Destarte**, Vitória, v. 2 n. 2, p. 161-194, 2003.

MORIN, Estelle Os Sentidos do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas - RAE**, vol. 41, n. 3, jul-set/2001.

MORIN, Estelle. (2002). **Os sentidos do trabalho**. In T. Wood (Ed.), *Gestão empresarial: O fator humano* (pp. 13-34). São Paulo, SP: Atlas.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Revista Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1: 47-56, , FGV, São Paulo, 2007.

MOW - Meaning of Work International Research Team. **The meaning of working**. London: Academic Press, 1987.

PORTO, Juliana; PILATI, Ronaldo; TEIXEIRA, Maria Luisa; LOUBACK, Carlos; RODRIGUES, Míriam; PEREIRA, Edson. Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Valores Relativos ao Trabalho. **Anais 30º Enanpad**. Salvador/BA, 2006.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, 19. Ed. Especial 1:38-46, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Isabella F. G. de; MASCARENHAS, André O. **Paradoxos Organizacionais e Tecnologia da Informação: Uma Análise Crítica da Implantação de Sistemas de Auto-Atendimento na Área de Gestão de Pessoas da Souza Cruz**. [CD-ROM]. ENANPAD, **Anais 27º Enanpad**. Atibaia/SP, 2003.

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. (Orgs.). **Orientação vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos**. São Paulo: Vetor, 2004.

WICKERT, L. F. O adoecer psíquico do desempregado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 1999, 19 (1),66-75.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.